



EDITORIAL

Pesquisa tem a ver com distância?

Is research about distance?

Rodrigo Otávio Moretti-Pires

Professor do Departamento Saúde Pública
Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: rodrigo.moretti@ufsc.br

As dicotomias entre homem e natureza, ciência e senso comum, teoria e empiria, fundamentam muito da postura dos pesquisadores de todas as áreas do conhecimento, incluindo aqui a pesquisa social. O que diferencia uma pesquisa qualitativa de uma pesquisa quantitativa nesses termos? Ainda mais: o que diferencia pesquisar de vivenciar?

Por mais que o exercício de pesquisa tome a roupagem de sua "função perante a sociedade", "impacto frente aos recursos públicos investidos", etc e tal, qual é o alcance possível das transformações que o processo de pesquisar tem? E a quem?

No impeto de retratar o mundo social, os pesquisadores inicialmente valem-se de discussões e análises pregressas (muitas vezes de séculos atrás), e por mais "pos modernos" que se auto-declarem, as preocupações de pesquisa, métodos, referenciais, explícita e/ou implicitamente, tomam como sustentação diversos pontos distantes do local e momento da pesquisa.

Sobre essas "distancias", me é extremamente interessante sublinha-las: (1) a distancia histórica, em que os pensadores do passado parecem ter voz eterna e que ecoa sobre a realidade social no presente; (2) a distância territorial, em que teorias desenvolvidas na Europa, nos Estados Unidos, ou em qualquer outra

localidade que não a nossa, falam muitas vezes mais sobre nossa realidade do que nós mesmos; (3) a distância institucional; em que a universidade e centros de pesquisa hierarquizam-se de tal maneira que o pesquisador, em uma gradação desde o acadêmico até o professor doutor, apresentam níveis de distancia da verdade institucional ou até mesmo da verdade preconizada pelos periódicos científicos; (4) a distância social, em que o pesquisador arroga-se de tal ponto hierárquico que tem a pretensão de falar sobre as classes sociais "desfavorecidas", "dando voz" aos excluídos, que nem mesmo se importam com o tal do pesquisador.

Nesse sentido, Saúde & Transformação Social tem preconizado a tentativa de romper distancias. Obviamente, estamos em uma estrutura institucional e, enquanto tal, nossa agência é pequena (talvez até insignificativa). Mas vale o chavão: a esperança é a última que morre. E da pequena agência que temos, nos cabe as vezes apenas conseguirmos falar. E é, para mim, esse ato que temos realizado nesses anos: falar.

Sejam bem vindos a mais um espaço de fala científica, que tenta diminuir distancias! Sejam bem vindos a mais nova edição de Saúde & Transformação Social!